



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

ENSAIO REFLEXIVO SOBRE ARQUITETURAS CORPORAIS PERFORMATIVAS EM DANÇA

KYO TIMÓTEO DIAS¹

Resumo: Este ensaio pretende realizar uma reflexão sobre a *pesquisa de campo auto-etnográfica* realizada na favela do Heliópolis-SP. Esta pesquisa está atrelada ao projeto de mestrado “No quebrar da pélvis”², o qual tem o objetivo realizar investigações performativas a partir do estudo da relação *corpo-espaco*. Mais exatamente, quais seriam as influências arquitetônicas da favela Heliópolis na movimentação gestual dos corpos que por lá caminham. O foco do deste trabalho é apresentar algumas das análises já realizada sobre as etapas de desenvolvimento da pesquisa: (i) *criação de roteiro de campo* e (ii) *experiência de campo*. Deste modo, a pesquisa contará com o respaldo de estudo teórico-prático em fenomenologia do movimento proposto por Hubert Godard e o estudo da relação entre corpo e favela que é apoiado pela arquiteta Paola Jacques.

Palavras-chaves: corpo-espaco; favela; arquitetura; performance.

1. Introdução

Os meus primeiros estudos da relação corpo-espaco iniciaram-se a partir de uma pesquisa de campo para criação da performance ECOA³, trabalho de conclusão de curso em dança. Durante a ação de observar as pessoas em trânsito pelas ruas de Copenhague-DK que me deparei com as diferentes formas de caminhar.

Assim que desci do aeroporto e pisei nas ruas de Copenhague pude notar o projeto arquitetônico de uma cidade tradicional. Imediatamente minhas memórias me levaram para a quebrada em que nasci e cresci rodeado por favelas. Nesse novo lugar, aqueles corpos não só se deslocavam no espaco, eles caminhavam em direções retas. Seguiam o mapa da cidade percorrendo as faixas de pedestres e paradas diante dos sinais vermelhos. Todos usavam os trajetos estabelecido pelo mapa urbano da cidade⁴.

¹ Mestrando na Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP (kyo.timoteo@gmail.com).

² Projeto em andamento com orientação da Prof. Daniela Gatti.

³ ECOA foi realizado no ano de 2016 com orientação professora Daniela Gatti. Constituído por um processo binacional Brasil e Dinamarca através do intercâmbio acadêmico. A performance teve início na Unicamp e fim em Copenhague-DK, mais exatamente na The Danish National School of Performing Arts. Este trabalho teve como objetivo realizar um espetáculo de dança que interligasse dois países por meio da interface de videoconferência.

⁴ Notações retiradas do caderno de campo de Copenhague.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Após ter notado que o caminhar do *coro* Dinamarquês era diferente do feito nas favelas e periferias de São Paulo, percebi também que a pelve daquelas pessoas “aparentemente” não se ondulavam sobre o fêmur, como acontece em diferentes regiões de São Paulo. Eles caminhavam com a pelve perpendicular ao chão e não existia o *quebrar de quadris* e tão pouco o *rebolar sobre as pernas*. Neste contexto, refiro-me ao termo *coro* ao conjunto de pessoas que observei, retiro esta interpretação/leitura poética através da observação realizada em campo da população que se deslocava na cidade.

Fiquei intrigado com esse fato e como sou um explorador do movimento, me propus a entender tal fenômeno através do simples caminhar entre uma rua e outra, utilizei-me da propriocepção⁵ corporal para conscientizar-me do fator arquitetural que mudava meu caminhar, porque, ele agia sob o meu sistema postural e o mesmo acontecia com o da massa populacional de Copenhague. Depois desta constatação, propus a pesquisar quais são as influencias que podem haver em uma cidade não tradicional, no caso a favela de Heliópolis, que foi construída através de outra lógica de construção.

De acordo com as reflexões de Jacques a favela tem uma estética arquitetônica singular devido ao processo de construção, desde o recolhimento de fragmentos considerado lixo pela cidade tradicional, no ato da bricolagem⁶; e na distribuição dos barracos sobre o terreno ocupado. Não há uma ideia clara de planta antes da construção e a concepção dela é criada durante o fazer do barraco (JACQUES, 2011).

O meu interesse como pesquisador são as ações fenomenológicas de movimentos realizadas pelos moradores nas ruas durante o caminhar, este foi o *cerco* da

⁵ Sensibilidade própria aos ossos, músculos, tendões e articulações e que fornece informações sobre a estática, o equilíbrio, o deslocamento do corpo no espaço etc.

⁶ O termo bricolagem refere-se a ideia de reorganização dos fragmentos assimétricos para a elaboração do barraco. Tem o sentido expressivo como uma colcha de retalhos que é construída por diversos panos e texturas diferentes.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

observação participante em Heliópolis. O termo cerco neste contexto é usado a partir do pensamento de Bolognesi [...] cercar algo é investigá-lo. É o que dizem os dicionários. Em língua italiana o termo em seu sentido tornam-se evidentes: *ricerca*. O “algo” aqui referido pode ser uma obra pronta e acabada, um processo criativo, um problema instigador de pesquisa, um fenômeno e sua fortuna crítica, enfim, tudo aquilo que possa ser tomado como objeto de investigação (BOLOGNESI, 2014, p. 147).

Os fenômenos que foram observados foram elementos espaciais contidos no ambiente público da favela (externos ao corpo), que tem influência diretamente a forma de caminhar (interno ao corpo) como: (i) a arquitetura, impõem um ritmo das caminhadas; (ii) as trajetórias fragmentadas dos becos, intervêm na gestualidade dos corpos trafegar; (iii) os diferentes solos da favela (escadas, calçadas, asfalto, terra e morros) afeta a cintura escapular, cintura pélvica, tórax, cotovelos, joelhos e pés; (iv) a paisagem arquitetônica, influência uma movimentação padronizada da população.

Observar as pessoas e penetrar nos becos de Heliópolis teve como busca, experienciar a relação corpo-espço para obter a maiores compreensões corporais da paisagem local. Podendo assim, aprisionar no corpo as diversas figuras e paisagens arquitetônicas contidos no ambiente, a fim de realizar uma apropriação poética (GATTI, 2012, p. 1) dos dados não-discursivos (FORTIN, GOSSELIN, 2014, p.5) dispersos nos becos labirínticos da favela.

2. Percorso Metodológico

2.1 Pesquisa de campo: criação do Guia de campo e delimitação dos procedimentos em campo



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O motivo da criação do guia de campo está atrelado a necessidade de auxiliar o pesquisador na pesquisa participante, pois Heliópolis apresenta em sua territorialidade uma multiplicidade de acontecimentos que ocorrem simultaneamente. Os artigos que sustentaram a criação e a pesquisa de campo foram: *Considerações metodológicas para pesquisa em arte* (FORTIN, GOSSELIN, 2014); *Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnográfica para a pesquisa em arte no meio acadêmico* (FORTIN, 2010); *Experiência e história na pesquisa em artes* (BOLOGNESI, 2014) e o livro *Gesto inacabado: processo de criação artística* (SALLES, 2013). O objetivo do guia é auxiliar as delimitações de como deve se proceder, tanto na preparação, quanto nas etapas de procedimentos dentro dele. Ou seja, temos indicações para: pré-campo, cuidado de segurança, proposta de observação dos três dias, foco da observação, procedimentos de como devem acontecer os registros dos dados coletados e pós-campo. Segue abaixo a descrição de cada item.

Indicações do campo

Usar roupas adequadas confortáveis; tênis fechado; não carregar peso; beber água; não utilizar celular; levar capa de chuva; usar relógio de pulso.

Foco da observação corpo-espço:

- (i) A arquitetura, impõem um ritmo de caminhada?
- (ii) As trajetórias fragmentadas dos becos, intervém na gestualidade dos corpos trafegar?
- (iii) Os diferentes solos da favela (escadas, calçadas, asfalto, terra e morros) afeta a cintura escapular, cintura pélvica, tórax, cotovelos, joelhos e pés?
- (iv) As paisagens arquitetônicas, influenciam uma movimentação padronizada da população?

Proposta de observação

- Observação andando: consiste em fazer a observação durante a ação de caminhar nas ruas becos e vielas dos espaços públicos da favela.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

- Observação parado: consiste em escolher um ponto fixo em um local da favela para realizar a observação em vista panorâmica.

Registro do campo

Compreende-se nesta pesquisa como registro, as memórias corporais construídas a partir da experiência da observação participante, além de registros no caderno de campo podendo ser escrito ou desenhados.

Guia de campo

1º Dia: caminhar na favela e escolher as principais ruas/becos para observação; entender a ordem local para estabelecer relações harmoniosas com a comunidade, isto implica em saber as regras locais e preparar matérias e métodos para utilização em campo.

2º Dia: Observação participante ANDANDO

1º Passo: Fazer um aquecimento e sensibilização para a caminhada.

2º Passo: Realizar a caminhada pelo local escolhido durante o período de 1 hora seguindo as indicações.

3º Passo: Descrever, em 30 minutos, no caderno de campo o que ocorreu durante a experiência corporal realizada na caminhada.

3º Dia: Observação participante PARADO

1º Passo: Escolher um ponto para realizar a observação.

2º Passo: Observar a paisagem do local por 1 hora.

4º Passo: Descrever, em 30 minutos, no caderno de campo o que ocorreu durante a experiência de observação parado.

Pós-campo

Digitar os dados realizados em caderno de campo.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

2.2 Experiência de Campo

“Subindo e descendo os morros”

Para chegar em Heliópolis, é preciso ir até o metro Sacomã, seguir para o terminal de ônibus, apanhar o 3031, depois de cerca de 25 minutos descer na parada do Shopping Heliópolis, e já está! Do outro lado da rua é a favela. É a estrada das Lágrimas que divide a favela do bairro comum⁷. No primeiro instante, é muito difícil diferenciar o que é favela do que é o bairro comum. Entretanto, ao atravessar a estrada das Lágrimas, você já sabe intuitivamente que está dentro da favela. São as entradas das casas, os emaranhado de fios dos postes, e as estreitas ruas que sinalizam que ouve uma mudança brusca no ambiente.

No meu primeiro dia de campo fui me encontrar com um amigo morador da favela. Ele iria me instruir quais seriam os cuidados adequados os quais eu deveria ter em transitar pela comunidade. Será que o meu guia de campo poderia funcionar para a lógica de Heliópolis? Foi nesta primeira conversa e caminhada até sua casa, que notei que o guia de campo que eu escrevi precisava de adaptações para que fosse possível minha imersão naquele local.

A favela é imprevisível e tem seu ritmo próprio, as pessoas usufruem das ruas por diversos motivos. Dependendo da configuração da rua, não era apropriado fazer períodos muito longos de observação diante de algumas casas, ou em alguns grupos que tivesse realizando alguma atividade específica. Outra recomendação era evitar entrar em becos sem saídas. O meu objetivo era observar sem chamar a atenção das pessoas, passando me desapercibido, como um simples morador, pois existia o risco de ser confundido como um intruso ou um policial.

⁷ Refiro-me a bairro comum a construções de cidade que não tiveram sua construção iniciada por processo de habitação irregular para a construção de moradias.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Neste primeiro dia, caminhei por mais algumas ruas e aprendi alguns pontos de localização que poderiam orientar meu trajeto de caminhada, caso me perdesse. Subir qualquer rua me levaria à estrada da Lagrima, é de lá que se pega o ônibus para sair de Heliópolis, ao descer você chegará na rua Anny. Essas ruas e outros elementos da paisagem urbanas (casas coloridas, torres, varandas e lajes) são utilizados como referências de localização dentro de Heliópolis. As placas são pouquíssimo utilizadas, as indicações de sinalização são marcadas pelas histórias do cotidiano das pessoas. Por exemplo: a estrada das Lagrimas, era o local de despedidas das famílias com os soldados que iriam para a segunda guerra mundial.

Verifiquei também se existia a possibilidade de encontrar um ponto alto que eu pudesse observar a favela em uma vista panorâmica, uma vez que Heliópolis não possui horizonte. Para que isto seja possível, é preciso estar em uma laje bem alta. Isso mudou a proposta de observação indicada pelo guia de campo para realizar no 3º dia, uma vez que não havia a possibilidade acessar laje alguma naquele momento.

Percorrer por Heliópolis revela que nenhuma casa em uma favela é igual a outra, cada qual tem suas características próprias, existe uma infinidade de tamanhos e cores. Elas ficam distribuídas uma do lado da outra e empilhadas. Para entrar nas casas que ficam na laje, muitas vezes é preciso subir uma escada que sai da rua. Isso é uma das coisas que mais me impressiona na arquitetura *favelística* de Heliópolis. Outro aspecto interessante, é a pluralidade da paisagem urbana, me trazia a sensação de andar em outros lugares do Brasil. As vezes em Carapicuíba, ora em Osasco e até mesmo no Rio de Janeiro. Alguns bares me levavam direto para a Vila Madalena, de tanto investimento em artigos estéticos de luxo.

Outro aspecto importante para ser descrito são as características que as ruas de Heliópolis apresentam, elas são asfaltadas e também há muitos carros transitando a todo tempo. Nelas existem os mais diversos carros, desde populares, quanto de luxo. Outros veículos tem grande parede de som que ficam ligados em alto volume, há



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

muitas motocicletas que também variam de tamanho e preços. Havia muitos jovens manobrando bicicletas e pedestres caminhando.

Não existe uma divisão de espaço destinado para pedestres. A rua transita entre calçada e pista, não tem farol. O trânsito se compõe pela mistura de transeuntes, bicicletas, carros e motos. Não tem uma ordem clara de quem passa primeiro, é preciso estar atento a todo tempo, em todas as direções. Caso contrário, você baterá em alguém. O ritmo de caminhada é imposto por tudo que acontece em sua volta na rua. Desviar do outro, se torna uma busca incessante, devia-se do carro, da moto, da bicicleta, da criança, do bêbado, do portão, do pedestre, da pipa, da bola. Nunca se anda reto, caminhar na favela é realizar trilhas no espaço cheio de paradas e ziguezagues.

Para subir o morro, o corpo se inclina na tentativa de romper com a gravidade, o tronco se curva em formato de “c”, os pés empurram o chão e esta força flexiona a musculatura anterior do corpo. Ao descer, a musculatura anterior relaxa, a gravidade atua na musculatura posterior e a articulação recebe o impacto da descida, acomodando os ossos e criando a um *balanço na pelve, nos cotovelos, rebotes no pescoço* que eu acredito que é a ginga.

3. Discussão e Considerações Finais

“Sobreposições de espaços!”. É a leitura poética que retirei da observação em campo da relação das pessoas com a arquitetura da favela. Nesta frase sintetizei o estudo realizado em fenomenologia do movimento em Heliópolis. A lógica do deslocamento é preenchida pela intenção de caminhar *ocupando os espaços*. O que remete a reflexão de Paola Jacque em *Estética da Ginga*. 7



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A experiência de subir ou descer uma favela reveste-se de uma percepção espacial única. À medida que se vai passando pelas primeiras “quebradas”, vai-se descobrindo um ritmo de caminhar diferente, imposto pelo próprio percurso das vielas. É o que chamam de ginga. Perambulando pelos meandros das favelas, compreendemos como as crianças do morro sabem dançar o samba antes mesmo de saber andar direito. Ora, nunca andamos em linha reta numa favela de morro, na qual, além dos meandros do caminho, sempre estamos num plano inclinado (JACQUES, 2011, pg.70).

Caminhar com a intenção de *ocupar os espaços* ocorre pelo o motivo o qual a favela foi criada, para recobri os moradores das intemperes da sobrevivência. Ou seja, o terreno da favela é quem abriga os corpos dos moradores e estes corpos abrigam as memórias de construção, logo, compreendo que este acontecimento exemplifica a definição de espaço fenomenológicos que Godard define como “*eu estou no espaço e o espaço está em mim*” (MCHOSE, 2006, p. 32).

A experiência de campo revelou que aquelas pessoas se deslocam no espaço com o sentido de *desviar para ocupar*. Usufrui dos saberes da percepção corporal, para mirar meus interesses nas pessoas e identificar os elementos arquitetônicos que agiam em como eu caminhava e as diferentes disputas espaciais travadas na rua. Penetrar nos becos de Heliópolis me levou a maiores compreensões sobre a lógica orgânica da favela. Sua estética arquitetônica é singular devido ao processo de construção.

Os estímulos para desviar um dos outros é visto neste ensaio como o pré-movimento do caminhar. Entendo como pré-movimento, a influência arquitetônica que age sobre os corpos, ela é a carga expressiva que vai produzir mudança na tensão, humor, e qualidade dos gestos, pois “A mitologia do corpo que circula em um grupo social se inscreve no sistema postural. [...] A arquitetura, o urbanismo, as visões de espaço e o ambiente no qual o indivíduo evolui exercerão influências determinantes em seu comportamento gestual” (GODARD, 2005, p. 21).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Não há uma divisão clara entre espaço público e privado, a rua acolhe a todos e a tudo: as crianças brincando, os comerciantes em suas vendas, os jovens socializados, os velhos passeando, os grupos religiosos em seus rituais, o samba que ocupa a esquina, o carro que desfila com seu grande aparelho de som, a televisão alta de dentro das casas, as roupas que estão por secar, o cheiro de churrasco, os perfumes dos transeuntes, os cachorros brincando e até mesmo alguém como eu que andei para observar.

Em suma, a pesquisa de auto-etnografia em Heliópolis atendeu as expectativas. Também ficou explícito a riqueza em diversidade cultural que o local do campo possui, desta forma, ofereceu a pesquisa novas perspectivas acerca do estudo sobre corpo-favela e fenomenologia do movimento. Os dados que foram absorvidos em minha imersão nas ruas de Heliópolis apresentam relevâncias criativas as quais pretendo utilizá-las em uma investigação performativa em dança.

4. Sistematização e análise do material de campo

Ao fim de cada dia de campo, foi feito um relato descritivo da experiência. Após o cumprimento dos três dias de observação participante, realizei uma releitura do material (guia de campo, relato diário) e sistematizei os dados para a resposta dos “focos de observação corpo-espaço” descritos na página 3 e 4 deste ensaio. Os procedimentos de análise foram pautados em uma reflexão que partiram da minha pergunta, “*Quais seriam as influências arquitetônicas impostas aos corpos que caminham pela favela?*”. Então o campo ofereceu lugar para averiguá-las, como também vislumbrar possibilidades metodológicas para a criação de novas arquiteturas performáticas em dança.

Referências Bibliográficas



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

BOLOGNESI, Mário. *Experiência e história na pesquisa em artes*. ARJ-Art Research Journal, v. 1, n. 1, p. 75-87, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 6.ed. São Paulo: Intermeios, 2014.

CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes; JOINVILLE, *Dança Cênica*. *Antropologia da Dança:ensaio bibliográfico*. Antropologia da Dança I. Florianópolis, Insular, p. 15-29, 2013.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili, 2013.

DE SÁ GONÇALVES, Renata; OSORIO, Patrícia Silva. *Dossier: Antropologia da dança*. *Antropolítica*. Revista Contemporânea de Antropologia, n. 33, 2013.

DANTAS, Mônica Fagundes. *Escolhas metodológicas no âmbito da pesquisa em dança*. In: Anais V Congresso ABRACE. UFMG: Belo Horizonte. 2008.

ELLIS, Carolyn S.; BOCHNER, Arthur P. *Na introduction to the arts and narrative research: art as inquiry*. *Qualitative inquiry*, n. 9, Sage Publication, 2003.

FARIA, Ítalo Rodrigues. *A dança, o jogo e a improvisação: estratégias de criação e ensino*. In: 2º Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança. 2011. (Encontro).

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. *Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico*. ARJ-Art Research Journal, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2014.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Trad. Helena Maria Mello. **Cena**, n. 7, p. 77-88, 2010.

FERRACINI, Renato et al. *Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte*. *Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 1, n. 22, p. 219-232, 2014.

GATTI, Daniela. *Apropriação Poética*. In: VALLE, Flavia Pilla do; FERRAZ, Wagner. V Encontro Estadual de Graduações em Dança: cultura da gratuidade. 2016.

GODARD, Hubert. *Gesto e percepção* in Lições de dança 3. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2001.

GATTI, Daniela. DIAS T., Kyo. (Tabata Y. J. T. Dias) *Ecoa-Dinamarca Brasil: ensaio reflexivo sobre um processo de criação em redes interdisciplinares de arte*. Campinas.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

HUMPHREY, Doris. *The Art of Making Dances*. Princeton, NJ: Princeton Book Company/Dance Horizons, 1987, p.20-25.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

KATZ, Helena. *O coreógrafo como DJ*. In: SOTER, Silvia. *Lições de dança 1*, v. 1, n. 2, p. 13-23, 1999.

MCHOSE, Caryn. *Phenomenological Space: I'm in the space and the space is in me. Interview with Hubert Godard*. *Contact Quarterly*, Northampton, v.31, p. 32-38, Summer/Fall 2006.

MEYER, Sandra. *Perspectivas auto-etnográficas em pesquisas com dança contemporânea*. Anais... 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal, 2014.

SOTER, Silvia. *Lições de dança 1*. UniverCidade Editora, 1999.

TOURINHO, Ligia Lousada. *Jogo Coréografico – Pressupostos e Fundamentos*. In: *Conhecendo e Reconhecendo a Dança UFRJ*. Rio de Janeiro, 2006, p. 81-2.

LIBERMAN, Flavia; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. *Um corpo de cartógrafo*. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, p. 183-194, 2015.

VARELLA, Dráuzio; JACQUES, Paola Berenstein; BERTAZZO, Ivaldo. SEIBLITZ, Pedro. *Maré vida na favela*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.